

o código da morte

lindsay cummings

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Este é um livro de ficção. Qualquer referência a pessoas, acontecimentos, instituições, organizações, ou locais reais será apenas a fim de fornecer um sentido de autenticidade, e serão usados para fazer avançar a narrativa ficcional. Todas as outras personagens, e todos os incidentes e diálogos, provêm da imaginação da autora e deverão ser concebidos como tendo uma existência real.

*Ao meu pai, Don Cummings, que me ensinou a ser destemida.
Aos meus seguidores da rede #booknerdigans, por toda a vossa dedicação
e apoio.*

PARTE UM

OS BAIXIOS

CAPÍTULO 1

ZEPHYR

Vai ser uma noite escura.

Há algumas semanas, as noites escuras eram as piores. Os corpos caíam como tordos nos Baixios e o sangue secava em riachos através das ruas. As Horas da Escuridão traduziam-se num pavor intenso, pois tal queria dizer que o Complexo dos Assassinos e os seus Doentes saíam para as suas brincadeiras.

Isso não mudou. Quando muito, as mortes tornaram-se mais numerosas.

Mas qualquer coisa de bom vai acontecer hoje.

É noite de Lua nova e as nuvens negras começam a acumular-se no topo dos prédios arruinados. Os trovões e os relâmpagos, combinados com as Horas da Escuridão, acabam por criar a distração perfeita, a tempestade ideal.

Isso significa que a Lark Woodson irá sair do seu esconderijo.

Há semanas que ando a tentar apurar o seu paradeiro, mas, sempre que estou prestes a encontrá-la, ela desaparece, como o vento.

Mas não esta noite. Esta noite irei apanhá-la.

Enquanto corro, imagino o rosto da Meadow, os seus olhos cinzentos determinados e frios como o aço. Imagino-a de punhal na mão, para

rasgar Doentes e Sanguessugas, à medida que abre caminho pela Sede desde o interior até à saída.

Já passaram três semanas. Ela *tem* de estar viva. Saberá logo se ela já não estivesse entre os vivos, não é assim?

Ou talvez não. Talvez ela tivesse morrido, como a Talan.

Oh, meu Deus, a Talan, a minha melhor amiga. Morta por minha causa. Tento ignorar a culpa que me assalta, mas esta é demasiado intensa.

— Raios partam! — resmungo entre dentes ao estugar o passo, começando a percorrer cada vez mais depressa as ruas dos Baixios. A pistola, no coldre junto da minha anca, sai um pouco para fora a cada passo que dou. Resvalo à esquina de uma viela e paro. Desapareço por entre a multidão que procura a segurança, antes de as Horas da Escuridão invadirem tudo.

As Sanguessugas andam por aí em magotes, à minha procura, mas não lhes irá ser fácil encontrar-me.

Puxo um boné de beisebol mais para os olhos. Os meus braços estão cobertos com tatuagens temporárias, feitas esta manhã.

Esconder-me, permanecendo mesmo à vista, é algo de que as Sanguessugas nunca estarão à espera.

A multidão continua a andar e eu acompanho-a. Caminho com a cabeça numa roda-viva, à procura. Sempre à procura da mulher que me criou e me transformou num monstro.

Faltam cinco minutos para se ouvir a Sirene Noturna.

Ouço um estalido no ouvido esquerdo, o único que não se encontra afetado e onde se situa um aparelho roubado às Sanguessugas. *Vai pela viela do outro lado da rua e apressa-te. A minha irmãzinha corre mais depressa do que tu.*

Trata-se de Rhone, o rapaz da Resistência que, logo de início, estava muito interessado em enviar a Meadow para a Sede das Sanguessugas. Agora ela desapareceu algures lá dentro e não consigo contactá-la.

Zero, mexe-te! Agora!

Faço o que ele me diz, conseguindo abrir caminho através da multidão. Desde que comecei a ouvir mal, é-me mais difícil correr e não me consigo equilibrar lá muito bem. No entanto, não posso parar agora. Continuo a cambalear um pouco, e salto por cima das linhas do comboio, para depois me embrenhar pela viela à minha esquerda. O Sol perante desaparece e, de súbito, instala-se a escuridão.

E não se ouve nada. É como se já estivéssemos na Hora de Silêncio. Paro e olho em volta.

Vejo uma Sanguessuga estendida no chão, toda torcida contra um edifício de tijolo à minha esquerda. A espingarda está ao seu lado, sobre o chão de cimento, e há cartuchos de balas por todo o lado, mas não vejo outro corpo. Isto quer dizer que, se a Lark aqui esteve, já desapareceu. Aproximo-me mais do homem. Há sangue fresco que lhe escorre de um corte na garganta, uma perfeita linha vermelha, como um sorriso. A Sanguessuga começa a não conseguir respirar e levanta a mão para pedir uma ajuda que ninguém lhe irá dar.

— Ela esteve aqui há poucos momentos — digo para o microfone montado no meu relógio. — Degolou-o, tal como fez aos outros.

Haveremos de a apanhar da próxima vez, Zero, diz o Rhone e eu quero acreditar no que ele me diz, mas há já semanas que o ouço dizer-me a mesma coisa, mais precisamente, há vinte e um dias e sete horas. *Estou a caminho.*

Suspiro e passo uma mão pelo cabelo. Tenho de encontrar a Lark. Quando o fizer, levá-la-ei até às Sanguessugas; vou dar cabo da porta da frente da Sede para a entregar em troca da Meadow. Como alternativa, também já pensei em matar a Lark, mas no caos que se lhe poderia seguir, talvez não viesse a obter a minha rapariga ao luar.

Será bem melhor trocar a Lark pela Meadow. Iremos estar juntos de novo e haveremos de arranjar uma maneira, *qualquer maneira*, para abandonarmos os Baixios. Hei de descobrir para onde as Sanguessugas levaram a família dela e hei de libertá-los a todos.

Prometi que os haveria de salvar.

Mas não me irei embora sem ela. Recuso-me.

A Sanguessuga geme pela última vez. Ouço-lhe o estertor que lhe precede a morte.

— É o que mereces — digo para o cadáver. Baixo-me para lhe apanhar a espingarda e é então que a vejo.

Uma pegada desenhada a sangue, a alguns palmos do cadáver.

E depois outra e mais outra, ao longo da viela, até à saída que dá para a praia. Estas pegadas são pequenas, mas não foram feitas por uma criança. Poderiam pertencer à Lark.

Elevo o pulso até à boca. — Rhone, receio que ela esteja ferida. Ela não se poderia ter desviado muito da...

Ouço a Sirene Noturna.

Começa como um ronco fundo para se tornar aguda como um guincho perfurante. Cubro os ouvidos e ponho-me de joelhos. Todo o meu corpo treme desde a ponta dos cabelos até à ponta dos pés. Ouço uma voz na minha cabeça. A voz da Lark a dar-me as boas-vindas ao Complexo dos Assassinos.

E, de súbito, quero *matar, destruir*, entregar-me ao modo como o sistema me controla a mente. Sinto-me a desvanecer. Sinto o coração a ficar frio e rijo como uma pedra, vejo uma vítima na minha cabeça, o seu número de catalogação é o 65098, em brilhantes números vermelhos.

Mas penso na Meadow. Penso numa palavra, com quatro letras e, apesar de isso ser estúpido como tudo, não me importo.

Porque o *amor* é a única coisa que me salva e me liberta. Isso ainda está a funcionar, mas todas as noites vai-se tornando mais difícil. Se não resgatar a Meadow depressa, receio aquilo em que me poderei tornar.

Tento afastar o Complexo dos Assassinos da minha mente e ponho-me a correr por dentro da escuridão.

CAPÍTULO 2

MEADOW

Neste fim de tarde há qualquer coisa diferente.

Em geral, quando o Sol se começa a afundar no mar, as ondas ficam calmas e silenciosas. Rastejam e murmuram, para rebentarem na areia com a regularidade de um coração que bate.

Hoje o mar está revoltado.

As ondas rebentam mais fortes do que nunca contra os rochedos. O mar cospe pequenos farrapos de espuma sobre a minha pele. Na água, os barcos encalhados torcem-se e gemem como se estivessem a pedir perdão.

— Meadow?

Pestanejo e baixo os olhos. Peri, a minha irmãzinha, está sentada ao meu lado na areia, com os caracóis platinados a dançarem ao vento.

— Sim? — respondo-lhe. A minha voz parece-me oca. Vazia.

— Ainda temos de esperar muito? — pergunta-me ela. Pega-me na mão e enlaça os dedos nos meus. Estão tão frios que sinto um arrepio.
— Quero ir para casa.

— Bem sei — digo-lhe, enquanto observo o mar. — Eu também...

Há uma tempestade no horizonte, uma promessa de que o caos se instalará em breve. Deveríamos ir para a nossa casa flutuante, onde o

nosso pai e o nosso irmão Koi esperam por nós. Mas algo me impede de o fazer, me convida a ficar. As nuvens cinzentas troam mesmo para lá do Perímetro. Observo a luz da Pulsação a acender e a apagar ao ritmo dos relâmpagos, e sinto os pelos dos braços a porem-se-me em pé. Tremo de frio.

— Espera — tento convencê-la. — Só mais uns minutos.

A Peri começa a ficar irrequieta. — Mas de que é que estamos à espera?

— Já... Já não me lembro — murmuro. O meu bafo transforma-se numa pequena nuvem, algo que nunca antes tinha acontecido nos Baixios. Esta é levada pelo vento, arrastada até ao céu que sangra.

As cores do pôr do sol são as mesmas, vermelhas, alaranjadas, com laivos cor-de-rosa, como os citrinos de que a minha mãe tanto gostava. Mas, mesmo assim, pressinto-o.

Neste fim de tarde há qualquer coisa diferente.

As gaiotas desenham voos picados e mergulham, guinchando um aviso. Mas um aviso para quê?

— Estou cheia de frio — diz-me a Peri. Ela encosta-se muito a mim e sinto-lhe o corpo gelado.

Há uma voz, dentro da minha cabeça, que murmura o meu nome repetidamente. *Meadow, Meadow, acorda. Presta atenção.* Julgo ouvir o meu pai.

A Peri começa a cantar. Tem uma voz suave e encantadora e, por momentos, fecho os olhos e deixo que a mesma me percorra, como o vento.

Algures, na distância, ouve-se a Sirene Noturna. É um lamento que pertence àqueles que perderam os seus entes queridos. Um aviso de que em breve algo irá acontecer.

Mas *o quê?* Não o consigo identificar e tudo começa a perder o sentido. A Peri levanta-se de repente e volta-se para observar a praia por detrás de nós. A areia bate-me na cara. — É disto que temos estado à espera? — pergunta-me.

Consigo ouvir qualquer coisa, como um arrastar de pés por cima da areia, mas não me quero voltar, algo me suplica para que não o faça.

— Meadow! — A Peri puxa-me pela mão. — Olha, Meadow!

Respiro fundo e volto-me então lentamente e, na minha cabeça, ouço outra vez a voz do meu pai. *Acorda...*

E é então que os vejo. Uma vaga de Doentes a cambalear na nossa direção.

— Corre — ouço-me a dizer. — Corre, Peri!

Porém, quando me volto para olhar para ela, já não vejo a minha irmãzinha.

No seu lugar vejo apenas um charco de sangue fresco.

CAPÍTULO 3

ZEPHYR

Corro para as árvores que ladeiam a viela.

— Lark — grito bem alto. A minha voz é forte e firme. — Sei que está aqui.

O meu olhar é atraído para um movimento por entre os arbustos selvagens. Levanto-me no momento em que a Lark se ergue no meio dessa ramagem. Vejo-a a cambalear para a praia como um animal ferido e, nesse momento, perco o que ainda me resta de sanidade.

Disparo a pistola na sua direção e começo a praguejar, pois não lhe acertei.

De modo que começo a correr pelo mato fora, com o vento a abrir-me um buraco num dos lados da cabeça onde deveria estar o meu ouvido.

— Pare! — grito, com uma voz entrecortada. A Lark tropeça e eu encurto mais a distância que nos separa. Atiro-me de cabeça e consigo aflorar-lhe os tornozelos com a ponta dos dedos. Caio em cima dela e ouço-a gritar, com os olhos a refletirem a loucura que lhe vai por dentro.

— Deixou-nos para que morrêssemos. Abandonou *a sua filha* para que ela morresse! — Volto-a, para a poder olhar de frente. Por momentos, olhar para ela é como um murro no estômago.

Ela parece-se *tanto* com a Meadow...

— Eles não podem tocar na minha filha, Doente Zero — observa a Lark, a sorrir com dentes escuros. — Ela há de viver.

Dou-lhe um murro na cara e ouço-a gemer, antes de desatar a rir-se às gargalhadas. — Anda, mata-me — encoraja-me ela. — Mata-me e arrasta o meu corpo até à Iniciativa. Acreditas que te irão dar a Meadow em troca? — Começa a rir-se e o seu hálito é tão pútrido que só me apetece vomitar. — És um assassino e sempre o serás. Fui eu quem te formatou dessa maneira...

— Então tenho tudo simplificado — comento. Pego na pistola e encosto-lhe o cano à cabeça, mesmo por cima do número de catalogação. Estou pronto a fazê-lo. Pronto a matar de boa vontade e não tenho medo. Assim que o coração dela parar, o mecanismo de segurança que ela introduziu no Complexo dos Assassinos irá ser ativado. Os Doentes irão atacar as Sanguessugas e nos Baixios irromperá o caos.

Mas será que o deverei fazer? Matar a Lark e aproveitar-me do caos para salvar a Meadow? Ou deverei levar lá esta mulher ainda viva para a poder trocar pela filha?

— És um parvo — diz-me a Lark, de chofre.

Estou quase a premir o gatilho quando ela me olha nos olhos e murmura algo, uma série de palavras, de números e de coisas que não me fazem qualquer sentido. Ela parece saber exatamente o que está a fazer, e sorri-me quando acaba de falar.

É nesse mesmo instante que a dor me assalta. Consigo ver uma luz muito branca e intensa na minha cabeça e, de súbito, a voz da Lark começa a murmurar dentro de mim.

Bem-vindo ao Complexo dos Assassinos, Doente Zero.

Iniciar extermínio.

A Lark debate-se por baixo do meu corpo e eu rolo para longe dela com as mãos na cabeça. Nessa noite já lutei contra o sistema. Não vou conseguir lutar de novo, não duas vezes seguidas... Não quando me sinto exausto, não quando tenho o estômago vazio e há já dias que não durmo. Preciso da Meadow junto de mim, bem próxima, para o poder combater.

Estamos separados há muito tempo.

Antes que o sistema leve a melhor, vejo a Lark levantar-se e começar a cambalear, deixando um rasto de sangue atrás dela.

— Pare — ordeno-lhe entre dentes. — Temos de... a Meadow...
Mas é já tarde de mais. A dor torna-se mais forte e eu perco a visão.
Apesar de tudo, o Complexo dos Assassinos conseguiu dominar-me.
Tenho apenas a força suficiente para elevar o pulso até à boca. — A
praia — pronuncio quase sem fôlego para o Rhone.
Então a escuridão inunda-me, enquanto o sistema se sobrepõe à mi-
nha vontade.

CAPÍTULO 4

MEADOW

Acordo a gritar pelo meu pai.

Alguém me despejou um balde de água fria pela cabeça e sinto-a como facas contra a pele.

— Onde está a tua mãe? — pergunta-me uma voz masculina. Tento recompor-me, descobrir onde estou, mas sinto a cabeça a pesar-me. A minha mente está a milhares de milhas dali.

— Onde está a Lark Woodson?

Não respondo. Mais água. Gelada. Tão gelada que penso que nunca mais na minha vida irei aquecer.

Tusso, tentando recuperar o fôlego. Tento limpar a água da cara, mas sinto as mãos paralisadas. Tento sentar-me, mas algo me controla os braços e as pernas, um grande peso em cima do peito. É como se eu estivesse dentro de um dos meus velhos pesadelos, na casa flutuante, com a minha família, quando era mais nova. Tudo o que terei de fazer é acordar para me sentir segura. Mas desta vez o pesadelo é real.

Não há como acordar.

— Fiz-te uma pergunta — diz-me a voz.

Gemo e levanto a cabeça o mais que posso. Estou amarrada a uma mesa de metal, rodeada de paredes cinzentas e espessas grades.

Há uma série de movimentos por detrás da minha cabeça até que consigo ver uma pessoa. Trata-se de um homem de rosto muito pálido e olhos escuros, vestido com o uniforme preto da Iniciativa.

— Onde está a tua mãe? — pergunta-me. Vejo que ele tem no peito uma etiqueta onde leio *Especialista em Interrogatórios, C. C. P., Controlo Científico da População*. — Onde está o Doente Zero?

— Não... não sei... — murmuro. Os fragmentos do meu pesadelo ainda estão a dançar à minha volta, a provocarem-me tremores e arrepios.

— Onde está a Resistência?

— Não faço ideia. — A minha voz treme, ouço os meus dentes a baterem como ossos num saco que alguém sacudisse. O homem despeja-me outro balde de água fria pela cabeça.

Respiro com muita dificuldade. A dor traz-me uma memória, segmentos de uma missão, tiros, uma rapariga de cabelo preto a morrer.

A minha irmã Peri foi *raptada*. O meu irmão Koi e o meu pai *desapareceram*.

A minha mãe... *uma assassina*.

E de súbito dou-me conta da verdade. Lembro-me de imediato onde estou. *O que sou*.

Sou uma prisioneira da Iniciativa, com uma ligação ao Complexo dos Assassinos no meu cérebro. Vim aqui para destruir o sistema central, para dar cabo desse sistema informático de uma vez por todas, até ter descoberto que sou *a única* que poderá acabar com o Complexo dos Assassinos. Se morrer, o sistema morrerá comigo.

Essa é a única maneira.

Entreguei-me, para que o Zephyr pudesse fugir e libertar a minha família. Queria morrer a combater os Doentes, morrer, para que o Complexo dos Assassinos também morresse. Uma morte corajosa, algo que faria com que o meu pai se sentisse orgulhoso de mim.

O meu plano falhou. A minha mãe fugiu. A minha colega Sketch não se encontra em lado nenhum. A última vez que a vi, ela estava a sangrar, quase a morrer.

Olho em volta da divisão para as paredes sujas da cela, para as placas do teto que agora estão cobertas com grades que não estavam lá antes. Os detalhes começam a encaixar-se.

Estou presa no mesmo sítio onde se encontrava a cela onde a minha mãe esteve em tempos.
Agora sou uma prisioneira. Para lá das linhas do inimigo.
E só posso contar comigo.

CAPÍTULO 5

ZEPHYR

Ouço a voz da Lark na minha cabeça.

Isto é o Complexo dos Assassinos.

Tento formar uma visão da Meadow, os seus lábios contra os meus, as suas mãos calejadas nos meus ombros. Arrelia-me o facto de não estar ao pé dela. Tento lutar contra o sistema, tento libertar-me dele.

Tenho visões súbitas como relâmpagos. A chuva a cair do céu, a molhar-me a cara.

E depois sou de novo sugado para o Complexo dos Assassinos, sem saber o que faço ou para onde vou.

Para trás e para diante, para dentro e para fora, e não me consigo libertar, não consigo lutar contra isso.

É quando me lembro das palavras que o Rhone me disse, há umas semanas, e vejo segmentos de memórias em que estávamos ambos no cemitério, a treinar. Com o corpo amarrado contra uma torre de aquecimento, a gritar para o mundo.

Podes escolher as tuas vítimas, Zero. Canaliza o poder do sistema. Se não puderes combater sem a Meadow, usa-o para teu próprio proveito. Fá-lo vergar ante a tua vontade.

Tenho de matar, sinto essa necessidade, desejo-o com todas as mi-

nhas forças. Não consigo parar o Complexo dos Assassinos dentro de mim. Mas posso mudar-lhe o ângulo, voltá-lo ao contrário.

Agora posso *escolher* as minhas vítimas. Posso estar consciente do que me rodeia. Posso concentrar-me e escolher quem irei matar.

Imagino que sou outra vez um rapazinho, de pé na sala de espelhos na Sede das Sanguessugas, onde a Lark costumava trabalhar comigo. Imagino que o Sistema Informático Central está aí comigo, um gigantesco ecrã de números, de códigos e de linhas, em sintonia com o bater do coração da Meadow.

— Agora sou eu que escolho as minhas vítimas — digo para o ecrã. Este começa a emitir uma cor vermelha. Há números de catalogação que surgem, mas são todos de cidadãos e, desta vez, quero Sanguessugas.

Tento mudar os números. Imploro para que o sistema me dê alguém que eu queira *de facto*. O mecanismo volta a lutar contra mim e eu volto a ouvir a voz da Lark, a ordenar-me para que acate as ordens.

Mas as ordens dela são para *matar, para destruir, para não oferecer resistência, para não olhar para trás*, desde que a minha noite termine em sangue e em ossos.

— Escolho as minhas próprias vítimas — volto a afirmar. Tento evitar essa visão, regressar ao aqui e agora.

Volto-me, à procura da Lark.

Ela desapareceu algures nas árvores. O seu rasto de sangue evapora-se nas sombras da noite. Ela não voltará a aparecer, não depois de eu me ter aproximado tanto dela.

Em vez disso, corro para a cidade. As pessoas passam por mim muito depressa a caminho das sombras. Não sabem que não existe nenhum sítio em que se possam esconder. Se um Doente quiser encontrar alguém... haveremos nós de o encontrar.

Haveremos sempre de o encontrar.

Há algumas semanas, teria ido atrás de alguém que estivesse à minha frente. Inocentes. Mas esta noite irei fazer o que a Meadow faria.

Dar cabo das Sanguessugas. Cerro os dentes. Esforço-me por me concentrar até conseguir sentir o sabor do sangue na minha boca. — Eu... *escolho*... as Sanguessugas — ouço-me dizer. E é então que sinto a liberdade. Sinto o sistema a libertar parte de mim, a parte que poderia querer escutar todas as suas ordens. Essa libertação dura apenas um instante. Sinto a cabeça muito leve, como uma lufada de ar fresco.

Mas é o suficiente. É como se eu tivesse desligado um interruptor na minha cabeça. A vontade de matar cidadãos torna-se uma vontade de matar Sanguessugas e, de súbito, o Complexo dos Assassinos está de acordo.

Um comboio passa a trepidar diante de mim. Dou um salto e consigo agarrar-me a ele. Deixa-me em frente do Salão das Rações Alimentares, mesmo no meio dos Baixios. Ponho-me de pé, depois de ter rolado pelo chão, e corro para a viela.

Matar, destruir, não resistir, não olhar para trás.

Vejo uma Sanguessuga a fechar a porta à chave, talvez um papalvo que tivesse ido até aí para roubar algumas rações para si mesmo. Como se ele não tivesse o suficiente. *Mata, diz-me o cérebro. Obedece.*

Mantenho-me em silêncio como um verdadeiro predador. Pego num pedaço de tubo metálico partido que vejo no passeio.

Em seguida, vou por detrás desse homem, uma sombra na noite, e espeto-lho nas costas, com tanta força que o tubo lhe fura a carne. Acaba por lhe trespassar o coração negro. O fulano cai e eu sei que já o venci.

Baixo-me para apanhar a espingarda que pertencia a essa Sanguessuga.

Purga a Terra.

Este é o Complexo dos Assassinos.

Não consigo parar. Tenho de continuar com as matanças. Tenho de derramar sangue.

Volto-me para descer a viela a correr, passando por dois cidadãos estendidos no chão. É demasiado óbvio. A Sede das Sanguessugas é mesmo em frente. Como podem ser tão estúpidos e pensar que estão a salvo...

Paro no exterior do gradeamento. Agarro as grades de metal e caio para trás, atirado para o chão como uma bala disparada por uma pistola.

Levanto-me, ainda a cambalear, mas não sinto dor. Não quando o Complexo dos Assassinos ainda me domina. Sou forte. Sinto-me mais forte do que nunca.

Introduzo o cano da espingarda através das grades. Olho pela mira telescópica até os pontinhos vermelhos incidirem na janela do primeiro andar. Respiro fundo. Mantenho-me calmo. Sinto o coração a bater mais devagar e disparo.

As vidraças partem-se e eu continuo a disparar. As luzes apagam-se

devido aos disparos. Ouço gritos vindos de dentro. Continuo a disparar até sentir um clique no gatilho. Já não tenho munições.

Atiro com a espingarda.

— Vocês não me podem controlar! — grito, ainda que não seja verdade. Eles ainda me controlam, eu é que tenho um método novo para lidar com o assunto. — Vão-se todos lixar!

Estou a ver a Meadow no meu pensamento, cheia de sangue, enquanto tentamos fugir juntos da Sede das Sanguessugas, e encho-me de raiva. Bato com as mãos contra o gradeamento. Volto a cair para trás mas consigo ver as Sanguessugas a saírem do edifício e a correrem na minha direção. Parte do meu cérebro diz-me que tenho de correr, de me esconder, mas eu tento ignorar esse aviso. Preparo-me para a luta, pois sinto *essa necessidade*.

Alguém me ataca por detrás. Sinto qualquer coisa húmida junto aos meus lábios. Tento libertar-me mas há muitas mãos e depois tenho a impressão de estar... a cair.

Devagar.

Caio para trás com o mundo a desaparecer-me num funil de escuridão, até só conseguir ver o rosto de uma rapariga a pairar sobre o meu. Dex, a irmãzinha do Rhone é, de momento, a única luz no meu mundo.

— Demasiado fácil — observa a Dex. — Levem-no.

Os meus olhos fecham-se e eu perco os sentidos.

CAPÍTULO 6

MEADOW

O meu pai ensinou-me a ser forte.

Deu-me uma série de lições durante toda a vida sobre como matar, mantendo um coração empedernido. A Peri, o Koi e o Zephyr ensinaram-me a amar, como voltar a mim mesma, como tornar-me calma.

É na influência da minha mãe que me irei basear agora.

Porque foi ela quem me ensinou a mentir.

— Diz-nos onde está a Resistência — insiste o inquiridor. Vejo-o por cima de mim, na minha cela, a andar de um lado para o outro, com os braços atrás das costas.

Há vinte e um dias que anda a fazer o mesmo.

Assinalei o tempo com vinte e um cortes na barriga da perna, usando as unhas para rasgar uma linha de sangue na pele por cada dia que passasse. Vinte e uma cicatrizes perfeitas que me lembram o número de dias em que tenho conseguido permanecer forte. Hoje, o inquiridor tem as mãos limpas. Em breve irão voltar a estar sujas com o meu sangue. Parte de mim deseja-o. Mereço ser torturada. Mereço sentir dor, por não ter agido eficazmente, por ter perdido a minha família quando já estava tão perto dela. Lembro-me da Peri a gritar por mim, quando o soldado da Iniciativa a levou. Recordo ainda o medo nos seus olhos, o modo

como me pareceu tão pequenina, tão indefesa. Essa recordação dói-me mais do que este tipo de tortura.

A dor é boa, diz-me a voz do meu pai. Usa-a para te tornares mais forte.

Olho para o inquiridor com um sorriso frio. — A Resistência? — pergunto. O inquiridor acena afirmativamente com a cabeça. Penso na cave, no local subterrâneo em que a Resistência se esconde.

Não destruímos o Sistema Informático Central porque eu era a Protetora. *Sou* a Protetora e sinto-o dentro de mim como uma maldição. Também é porque ainda estou viva que o Complexo dos Assassinos existe.

Penso no Zephyr, com os olhos da cor do exterior e no pequeno vislumbre de liberdade que tive antes de terem levado a Peri. Espero que o Zephyr se tenha juntado à Resistência. Espero que estejam todos a arquitetar um novo plano para tomarem de assalto a Iniciativa.

Depois, espero que ele possa sair dos Baixios e consiga salvar a minha família, no Cume mais a norte.

Entreguei-me por amor à causa.

Hoje não lhe irei dizer mais nada, nem amanhã, nem nos dias que aqui me mantiverem presa.

— Não sei o que é a Resistência — confesso-lhe —, mas, se houver uma Resistência, isso quer dizer que vocês têm problemas mais importantes do que estarem a torturar uma miúda de dezasseis anos.

— Oh, tu és bem mais do que isso — diz-me o inquiridor, com um sorriso irónico. — Posso garantir-te que, com o passar do tempo, irás vomitar todos os teus segredos.

Ele volta-se então para uma mesa de metal onde vejo toda a espécie de instrumentos. São coisas que deveriam estar num hospital e não numa cela suja da Sede da Iniciativa. Coisas afiadas que eu não quero ver ao pé de mim.

— Será que conheces, Woodson, a forquilha dos heréticos?

Não lhe respondo.

— Não, não debes conhecer... uma vez que, tal como todos os cidadãos dos Baixios, não tens qualquer espécie de instrução. Vocês não passam de rafeiros sem a mínima importância neste mundo.

— É assim que justificam o assassinio em massa de milhares de pessoas inocentes? — pergunto-lhe.

Ele ignora-me. — Ora aqui está a forquilha dos heréticos — esclarece, erguendo uma pequena forquilha de metal com duas pontas vermelhas. Vejo uma coleira, ligada ao centro desse instrumento, como se a mesma tivesse sido feita para ser atada em volta do pescoço. — Um ótimo objeto, cujo uso remonta à Idade Média. Sabes o que é isto, Woodson?

— E é assim tão importante sabê-lo? — Não consigo desviar os olhos da forquilha. As pontas são afiadas como facas.

— Tudo é importante — diz-me o inquiridor. — Não sei se estás a ver, mas esta brilhante invenção é uma coisa que a tua mãe teria adorado usar. Dentro de momentos, irei mostrar-te como funciona. — Levanta o instrumento mais para a luz e inclina a cabeça. — A não ser que me queiras dizer onde está a tua mãe...

— A minha mãe morreu — digo-lhe de chofre, e olho intensamente para os seus olhos negros e frios.

— Nesse ponto, minha querida, é que tu te enganas.

Recuso-me a desviar o olhar e ele continua.

— Conhecemos o mecanismo de segurança da tua mãe. Se ela morrer, a Iniciativa também morre. — Vejo-o a andar para trás e para a frente, no pavimento cinzento, com as suas botas pretas muito bem engraxadas. — Tal como conhecemos a ligação que tens instalada no cérebro... Estamos a trabalhar para podermos pôr termo ao elo de ligação que a tua mãe mantém com o sistema. Mas o teu, Woodson, é uma coisa simplesmente maravilhosa.

— Então deve saber que me tem de manter viva. — Tento esconder dele o medo que sinto. Recuso-me a dar parte de fraca.

— Por quanto tempo ainda me irá torturar, senhor inquiridor? Por quanto tempo me irá fazer gritar e suplicar-lhe que pare, até eu lhe dar a informação que pretende? — Engulo em seco e depois dou uma gargalhada, tentando imitar a minha mãe. — Já se passou muito tempo e vocês ainda não me vergaram. Ainda não desisti. Pode queimar-me ou espetar-me facas, mas eu *nunca* lhe irei confessar o que quer que seja.

— Os nossos médicos estão a planear uma intervenção cirúrgica — informa-me ele. — Talvez não consigamos retirar essa ligação do teu cérebro... O trabalho da tua mãe foi excelente... de uma grande inteligência. — Os olhos brilham-lhe, como se ele adorasse a minha mãe. Imagino que, de certo modo, toda a Iniciativa a adora. — Assim, com

algum tempo, talvez te possamos controlar. O Doente Zero, tal como deverás saber, poderia usar alguém equivalente. Estás no topo do nosso grupo de candidatos.

Paro de respirar. Paro de ter medo.

Agora só sinto ódio.

Ele ajoelha-se à minha frente e passa-me a mão pela cara. Não pestanejo sequer. Não lhe irei mostrar qualquer espécie de fraqueza. — Disseram-me que eras forte e parece-me que tinham razão. — Bate-me na ponta do nariz com a forquilha que sinto gelada. — Este método não é para ti.

O inquiridor põe-se de pé. Encosta o pulso junto à boca, antes de dizer: — Tragam-na.

Sinto um suor frio a escorrer-me pelas costas. Espero, à medida que os minutos vão passando. Sinto uma certa confusão no exterior. Uma voz que grita e as botas do pessoal da Iniciativa a percorrerem o recinto.

A porta no exterior da minha cela abre-se, e dois guardas arrastam uma rapariga de cabeça tapada, a debater-se até ao local onde me encontro.

— Esperem até que vos ponha as mãos em cima, seus energúmenos! Conheço aquela voz. Já não a ouvia há...

Encosto a cabeça às grades, no momento em que lhe tiram o saco da cabeça, e *o facto de a ver viva* é o suficiente para me fazer sorrir.

É a Sketch.

CAPÍTULO 7

ZEPHYR

Quando recupero os sentidos, já escureceu.

Onde estarei? Que cheiro nauseabundo é este?

Estou no Cemitério.

Sento-me. Sinto a cabeça a andar à roda como tudo. Tenho visões do que penso serem memórias do meu tempo sob o controlo do Complexo dos Assassinos. *O riso da Lark. Os seus olhos loucos. Sangue nas mãos, um gatilho apertado, um grito perdido na noite.*

Algueres na distância ouço vozes, um ruído que me sugere alguém a atirar facas, e em seguida passos, alguém que caminha na minha direção.

Volto a deitar-me e pretendo ainda estar sem sentidos, pois não me apetece falar neste momento. Não estou para ter de me justificar.

Alguém faz com que uma lanterna de pilhas incida sobre mim.

— Não tens de continuar a fingir — diz-me uma voz. Tem um tom suave e leve. Trata-se de uma rapariguinha, da Dex.

Gemo e abro os olhos. A Dex tem cabelo louro e uns canudos que lhe pousam nos ombros. É pequena mas forte e talvez seja meio louca. É alguns anos mais nova do que eu, terá quando muito uns catorze anos. E os seus olhos têm cores diferentes. Um azul como os da Talan, e outro verde como os meus.

A Dex senta-se ao pé de mim e põe-me a lanterna de pilhas acesa junto à cabeça. A luz é muito intensa.

— Tira-me isto daqui — peço-lhe, com um gemido.

— Já vejo que o *kamikaze* acordou — observa a Dex. Morde o lábio inferior e inclina a cabeça para um lado. — Não sei se sabes, mas eu avisei o Rhone de que não estavas pronto para sair sozinho, porque eram quase as Horas da Escuridão. Tu pensas que consegues dominar o sistema, Zephyr, mas olha que não é bem assim. Quanto mais tempo passares longe da Meadow, mais fraco ficas. — Suspira e faz estalar as articulações dos dedos. — Ah, seja como for. Agora já voltaste ao normal, acho eu. Vê-se-te nos olhos.

Há semanas que vivo com a Dex e só agora reparo que ela me faz lembrar a Talan. Uma boca que nunca desiste. — Onde está o Rhone? — pergunto-lhe. Sinto a cabeça pesada. — Preciso de falar com ele.

Consigo ver agora que estou de volta àquilo a que chamamos o Buraco. Paredes arredondadas de túneis, com água a escorrer por elas. O horrível cheiro a esgoto e, na distância, os sons do Cemitério. Guinchos de gaiotas, o cicio e os cliques das baratas e, por vezes, gritos ao longe.

Tento descontraí-me. Estou em segurança. Pelo menos por agora.

— Como é que me encontraste? — pergunto-lhe.

A Dex sorri. — Estou sempre de olho em ti, Zephyr.

Rio-me. Se outra pessoa me tivesse dito uma coisa dessas, teria ficado pior que estragado. Mas a Dex é apenas... ela própria. Há algo de reconfortante, algo semelhante à Talan nessa rapariguinha meio louca. Surge quando menos se espera e, geralmente, nos momentos mais inapropriados. Ela é uma espécie de alívio cómico no meio deste mundo escuro e lixado.

A Dex aponta para o chão a meu lado, onde se encontra um pedaço de pão meio roído. Pego nele e devoro-o. Está seco e tem um sabor horrível, mas, assim que o acabo de comer, quero mais.

— De qualquer modo — diz-me a Dex, entre risinhos —, vou buscar o Rhone.

— Já aqui estou — diz um rapaz desde as sombras. Vejo-o aproximar-se da luz, com cabelo preto e olhos azuis muito penetrantes. Com uns ombros sólidos que me fazem lembrar os de uma Sanguessuga.

— Rhone — digo-lhe, tentando pôr-me de pé sem que as pernas mo permitam. A Dex ajuda-me a sentar no chão e faz-me festas na cabeça

como se eu fosse o seu cãozinho de estimação. — Consegui controlar a coisa. Agora já consigo escolher as minhas vítimas, tal como tenho vindo a praticar.

O Rhone começa a rir-se e passa as mãos pelo cabelo. — Pois, isso é tudo muito bonito, Zero, mas escolheste toda a Sede das Sanguessugas como a tua vítima...

— Fiz... *o quê?*

Tento juntar os pedaços do que se passou na noite anterior, mas são tudo fragmentos descosidos. É algo que talvez nunca venha a mudar. Creio que me lembro...

— Lark — murmuro. — Ela despoletou-o pela segunda vez em mim. Era como se ela tivesse usado um gatilho de controlo remoto. Uma espécie de frase ou algo assim.

O Rhone acena afirmativamente com a cabeça; coça o queixo, o que, na realidade, quer dizer que ele está a pensar. *Pois, muito bem, Zero, tudo bem...*

Volto a ouvir o risinho da Dex. — Foi uma sorte termos-te encontrado antes das Sanguessugas. Acabei por gastar as minhas últimas gotas de clorofórmio contigo, não sei se sabes?

— Como é que o conseguiste arranjar? — perguntei-lhe. Só depois me lembrei outra vez da Lark, do nosso encontro na praia. — Conseguiste encontrar a Lark?

O Rhone abana a cabeça. — Estou certo de que a encontraria. No entanto, o teu pequeno episódio acabou por dominar tudo, Zero. — Encolhe os ombros. — Agora devias descansar. Voltaremos a reunir-nos mais tarde.

Ele não tem razão.

Não preciso de descanso. Tenho de planear uma missão de salvamento. Tenho Sanguessugas para matar e preciso de encontrar a Lark, a criadora do sistema.

— Ainda temos uma semana — observo, entre dentes, enquanto o Rhone se volta para se ir embora.

— Na verdade temos seis dias — corrige-me a Dex.

O Rhone trespassa-a com o olhar.

Lembro-me do que se passou há várias semanas, quando perdi a Meadow pela primeira vez. Quase não consegui juntar-me à Resistência, à sua sede por baixo do chão, devido a um buraco aberto na cabeça. A Dex e as nanites que ainda tinha no corpo acabaram por me pôr bom e,

quando já estava pronto, contei-lhes uma vez mais o que tinha acontecido no edifício das Sanguessugas.

O modo como a nossa companheira, a Sketch, fora aí deixada a sangrar. A maneira como a Lark se escapara sem que mais ninguém a visse. A morte da Talan. O modo como a luz nos olhos dela se apagou, o modo como ela gritou o nome da filha antes de dar o último suspiro.

Mas houve um detalhe que eu não mencionei.

Não lhes contei o que ainda guardo apenas comigo, a única coisa que jurei nunca contar a quem quer que fosse.

Que a Meadow é a Protetora do Sistema Informático Central. Que, se ela morrer, o Complexo dos Assassinos também morre. Que essa é a única maneira.

— Estamos a ficar sem tempo — chamo-lhes a atenção.

— Bem sei, Zero. — O Rhone suspira.

Eu pedi um exército, uma oportunidade de atacar as Sanguessugas e poder resgatar a Meadow.

Ainda me recordo das palavras da Orion. *Um mês*, disse ela.

Um mês para quê?, perguntei-lhe.

Ela olhou para mim como se eu fosse um idiota. *Podes levar alguns dos meus. Um grupo pequeno que vá até lá. Procurar a Lark... Procurá-la e trazê-la até mim. Se fizeres isso, toda a Resistência te irá ajudar.*

São as suas últimas palavras que eu nunca mais esqueci, pois receio que ela tenha razão. *Faz-me um favor, está bem, Zero? Não deites isto a perder...*

Agora tento pôr-me de pé mas volto a cair.

— Descansa — recomenda-me a Dex. Põe-me as mãos nos ombros e força-me a que fique deitado.

— Está bem — digo-lhe. — Vou descansar, mas, logo que acorde, vamos outra vez à caça.

O Rhone acena afirmativamente com a cabeça. Vejo-lhe aquela expressão nos olhos que parece dizer-me que não acredita que isso vá realmente acontecer.

E começo a pensar que ele talvez tenha razão.

Adormeço a pensar na Meadow, uma rapariga com o luar nos olhos.

Mas nos meus sonhos estes tornam-se de um vermelho vivo e sangrento.